

Haquitia, o que é ou foi para nós.

O Haquitia como palavra que eu “lia” pelo som na minha cabeça de criança, ou via escrito em cartas trocadas entre minha mãe e suas irmãs e a vovó, é como aqui farei por fidelidade.

Assim peço licença para expressar nesse texto, bem desprezioso, fonemas básicos como escreviam meus familiares, transliterando à moda da casa (com letras ou grupos consonantais os sons equivalentes): ch = rr (levemente gutural); h = “á”, tônica, se no final da palavra, e h = r, se no início da palavra; sh = x. Pena que o acento sonoro e as caras acompanhando as palavras nenhum texto pode traduzir. Expressões sonoras muitas vezes completadas por gestos de cabeça, mas principalmente de mãos. Como os de conformação, por exemplo, mas reclamantes; de ironia, sobre si mesmo ou o outro, expressando o contrário da fala. Muito comum, com a mão direita espalmada na horizontal balançando como um leque, por uma ou mais vezes dependendo da intensidade ou gravidade da questão, que, assim, também pode trazê-la ao peito; ou, ao contrário, balançando a mão na horizontal para baixo, para reduzir sua importância.

Sobre o que seria o Haquitia, sabia somente que era um dialeto auxiliar do vocabulário familiar, e esta era uma clara noção. Que comumente vinha em socorro social diante de situações embaraçosas, quando se queria despistar alguma coisa ou disfarçar uma situação inconveniente. Ou como aviso, crítica, ou até elogio, para não serem entendidos. Com palavras que tinham a força que só nós sentíamos como sendo uma essência do Haquitia impossível de compartilhar, sustando no ar atitude, assunto, palavra, ação – *esquete* -, ou que pronunciavam, mais do que contavam, uma desgraça – *guezerah* -, ou prediziam grande temor - *uô, uô, uô!*... - ou impressionavam tal como levando ao afastamento físico imediato de um hipotético doente de lepra – *mardeado*... (mal relativamente frequente no Pará).

E, enfim, usadas no dia a dia, por força do hábito, seja substituindo convenientemente as expressões em português, seja para as palavras ou expressões ganharem força ou para amenizá-las (palavrão em português, jamais), ou para circundantes não entenderem, ou ditas sobre alguém, nunca em sua presença, de desabafo, ironia, mesmo de proteção mística e de elogio, além das reclamações e críticas.

As mais comuns seriam: *abu/abuseira/o* – mentira/mentirosa/o; *adriear* – falar muito; *ferasmal* – livre do mal; *achlás* - deixa pra lá, não vale muito, coisa ou pessoa (virando a palma da mão e os dedos para baixo, senão não é *achlás*); *aibri/aibriah* – judeu/judia; *ai que derrei* – lá vem chatice... De novo repetindo/querendo isso... ; *amaiot/fazer amaiot*– dar falsa aparência de possuir ou ser, elogio vazio para valorizar a si, família, ou alguém por interesse, bajular; *caleque* - até parece, diz-que; *cae* – rua; *casuiar* – casar; *se coger* – se grudar; *demazal!*...- mais do que esperado, já está bom vindo donde vem ou na condição que há (virando as palmas das mãos para cima, senão não é *demazal*); *darbear* – beber ou comer muito; *fesheda/o* – mimada/o, dengoso/a; *fetenear/nem feteneia* – notar/não se dá conta, nem percebe; *foquear/foqueador* - ajudar sempre/ser solidário, solícito; *goi/goiah/goim* – não judeu/judia/judeus; *golor* – fedor; *halampão* – ladrão; *gúena/o* – boa/bom/bondosa/o; *hachleia*... – despacha ela/ele, manda embora; *halcear* – pagar; *hamor/ah* – burro/a; *harear/* –

evacuar; *heal* – feio, feia (pessoa ou coisa); *healita/o* - feinha/feinho; *hermosa/o* – *bonita/o*; *híena* – de barriga, grávida (em geral outra vez); *hogerah* – vaso sanitário ou sintina (como chamavam); *hosmin* – inculto, cafona, de mau gosto; *hunica* – chatinha; *lamadre* - a mãe; *lamarga/o* – coitada/o; *lamujer* – a mulher dele; *lopudre* – o pai dele/a; *maclah* – comida; *mahaleiar* – comer; *malograda/o* – desgraçada/o de muito ruim (xingamento por trás); *meldar* (rezar na Sinagoga); *maot esaf* – muito caro; *mirar ou shofear* – olhar; *muelas* – dentes; *muncho* – muito; *niskarah* – amante; *pelos* – cabelos da cabeça; *pereza/perezosa/o* – *preguiça/preguiçosa/o*; *poderio* – autoritária/o; *poquito* - pouco; *sacar* – tirar; *sahen/sahenah* - homem/mulher, mas *sahenah* tanto podendo ser uma referência indiferente, ou com pouco respeito, como significar mulher fácil – fulana é *sahenah*; *sahenita/o* - moça/o, mocinha/o, menina/menino; *sahor/sahorah* – preto/preta; *shalado* - satisfeito, pleno, orgulhoso de um elogio ou feito; *sharbear/sharbeador* - beber/beberrão; *solteada* – namoradeira, solta; *snoga* (sinagoga); *tiquita/o/os* – menina/o/crianças, em geral pequenos; *trabajar/trabajadora/or* – trabalhar/trabalhadora/or; *treha* – surra; *uóh* - ai meu Deus; *uóh por mim/ti/ele/ela/nós* – Deus me livre/te livre/o/a/nos livre; *uerca* - pessoa ruim; *verguença* – vergonha; etc.

Mas, talvez o mais interessante, na cultura familiar ao menos, fosse o uso do Haquitia substituindo sempre não só as palavras fortes para nós (como *sahenah* para prostituta ou quase, *sahenazero* para mulherengo, *niskarah* para amante), como as palavrinhas cotidianas em verbos (conjugados em todos os tempos) e substantivos: *Harear/harah* - fazer cocô/e seus sucedâneos grosseiros ou não; *mear* - fazer xixi; *safonear/dar safon* – soltar pum; *tahito/taha* - bundinha/bunda... Só que nos ditos (e até piadas) em geral, também as palavras menos delicadas eram substituídas pelo Haquitia sem que perdessem o valor (“Quem muito se abaixa, o *taha* aparece”), embora se arrefecessem nos xingamentos (“Vai-te a *harah!*”).

Além de palavras, também há frases ou ditos comuns associados: *Sim!... No fundo é gúeno..., mas hasta que lhe saque o coração...* – sim, no fundo é bondoso, mas tem que se aguentar antes de ver... (até que se lhe chegue ao coração). *Pelo que me sobra deste convento, me hareio dentro* – não ganho nada com isso, pouco se me dá. *Já me alegri* - sim, já fiquei contente (mediante notícia que nada acrescenta de satisfatório).

Há também uma base de superstição ou medo das más palavras, ou do que significam atavicamente talvez; por exemplo, a palavra azar era interdita, (a evito até hoje), e se fosse preciso mencioná-la, dizia-se pelo seu contrário, não teve sorte.

Também, algumas palavras ou expressões frequentemente usadas, não sei se seriam dos paraenses ou dos sefaradim, como *descansado/a* para falecido/a; *é escusado* - não adianta; *ciumenta como uma turca*; *Deus nos escape de mal* – Deus nos livre, mas de algo grave, em que não se devia nem pensar. Já a palavra *malograda/malogrado* no Haquitia não tem relação o significado do Português (do não acontecido, perdido).

Bem como, uma curiosa fixação nos dentes. (Veio um *aibri* do interior do Pará - donde os caboclos pronunciavam a letra O como U – meio velho e meio surdo, visitar uma família *aibriah*, e o elogiaram: Que lindas *muelas* o senhor tem! São naturais? - O que? – Seus dentes! São seus? – Como não?!... Estão na minha buca...).

Finalmente, foi esse o Haquitia que se falava entre judeus e sobre não judeus, e com o qual se repetia principalmente histórias de judeus (*Que vás hacer em Brasil, mi hijo? Non beberás caldo, comerás harina e dormirás colgado...*), que chegou à geração de minha mãe e à minha, não para fazer frases, muito menos conversar, que ninguém saberia. Eram palavras úteis, de regra requerendo entonação própria, que não dá para descrever nem com letras nem com notas musicais, que também faziam rir das circunstâncias ou de pessoas, mas sendo a entonação tão essencial que, dependendo, servia para dizer uma coisa, ou outra. Estou certa de que, se minhas filhas tivessem tido a oportunidade de conviver mais tempo com nossa família *sefaradim*, também as usariam hoje com muita frequência, ao menos pra fazer graça. Eu mesma me surpreendo falando com elas em condições estratégicas. Principalmente agora, mais velha.

Não sabia nem perguntava a razão de sua existência e uso, apenas era dado aos *aibris* da família de minha mãe; assim como o idish falado pelos “patricios” do meu pai (como ele chamava qualquer judeu).

Depois é que soube das origens do dialeto falado e escrito no Marrocos por judeus ibéricos de origem, mistura de espanhol, hebraico e árabe, trazido ao Brasil, sobretudo ao Norte, principalmente Belém e Manaus. Como era o caso da família de minha mãe, pelo lado materno, marroquina, vinda de Tanger, sua bisavó e o avô e, por seu lado paterno, portuguesa, de Cabo Verde, sua avó e de Lisboa, seu avô.

O fato é que esse Haquitia contribuía e muito para uma cultura determinada dos judeus sefaradim da Amazônia, que os aproximava e os identificava entre si. Curiosamente, embora com o vocabulário transferido tão pobre, como ali chegou, era em geral dominante sobre o ídishe nos casais de judeus asquenazim e sefaradim, independentemente do sexo do cônjuge. Hoje não tenho idéia quão poucas (ou não?) famílias com um ou ambos os cônjuges sefaradim ainda mantêm o haquitia à nossa maneira. Interessante seria uma pesquisa pelo Brasil, neste sentido.

Vou tentar então apresentar cenas rápidas que aconteceram, e outras que podiam ter ocorrido, salpicadas de palavras do nosso Haquitia guardado na lembrança saudosa como o gosto do açaí de verdade - misturado nas piadas ou ditos de família, usado como adjetivo, substantivo ou verbo, com as concordâncias ou conjugações do Português, muitas vezes como um espanhol mal ajambrado. Desse nosso *Haquitia legítimo*, de uso cotidiano, e que nos diferenciava por certa identidade sentida por nós e percebida pelos outros da nossa convivência, com naturalidade; com suas tantas palavras semelhantes ao português, que seriam compreendidas pelos nossos empregados e por amigos mais próximos que muitas vezes as usavam também. Embora *aibris* pudessem achar que fossem exclusivas. E às vezes se davam mal.

Mas, acredito que para os não iniciados, não terão qualquer graça, bem como para os só familiarizados com o idische que, embora, saboreiam a intensidade das palavras ou expressões nesse rico dialeto.

Mas vamos lá, conversando com nosso Haquitia com a cultura da Belém do final dos 1940 até poucas décadas depois.

No bonde

Dois primos na parada do bonde em Belém, no centro comercial. Chega um casal, a moça jovem, bonitos cabelos negros, cheia de corpo, boca pintada, arrumadinha, *solteada* (teriam pensado?), logo recebe de um deles, olhares de esguelha, percebidos de certo pelo acompanhante, meio carrancudo, mais velho. Vem o bonde, o casal sobe à frente e os primos sentam logo atrás. O interessado comenta com o outro pouco depois: *Shofeia a hermosura. E mira los pelos!* Antes que o primo responda, o homem se vira para trás e dá um safanão no rapaz, que, coitado, não *feteneou* que a moça era cabeludinha de braços também.

Mãe e filho vão a compra

Mãe, olhando para o dinheiro na mão do filho – É muito *mahot!* Muito *mahot...* Tem coisa melhor (baixinho). O vendedor olha para o filho com meio sorriso, correspondido. Mas, não deve ter entendido nada, felizmente, quando ela completou: - *Halampão...*

A empregada

Empregada, de si para si – Eles pensam que não entendo... A *sahenah*, a empleada, sou eu; uma *harah*, ainda bem que não é comigo; *gúena* é quando me elogiam. Mas também... a *hogerah* sou eu que limpo; o *maclah* deles sou eu que faço. Mas *ralceah* adiantado quando a gente precisa, eles? pra ninguém! Mas no fim do mês não posso reclamar... Tem sempre um agradinho.

Patroa - Nazaré! – Senhora? - Mi *guena*, tu fazes pra sábado uma dafina? – Quantos desta vez? – Os nossos... Uns dez. - Sábado eu devia era descansar também, e é o dia que mais trabalho, fora a sexta! – Com bem e alegria, sim?!

Nazaré vai saindo. Patroa falando alto pra ela escutar adiante - E não esquece o doce de cupu! (E pensando - *Trabaha muncho, lamarga...* Mas toda a noite se *coge* com o *sahen*, não sei donde tira força...)

A visita demorada

Amiga *goiah* da Filha (visitando há horas) – Hoje não tenho nada pra fazer... - Mãe (ouvindo) - Estherzinha, minha filha, estou te esperando, faz tempo! Pra me ajudares no bolo... (E entre os dentes) *Hachleia a sahenita...* – Filha (mais entre os dentes) - *Esquete...* - Amiga – O que vocês estão dizendo? - Filha – Nada... - Amiga (animada) – Eu também posso ajudar! - Mãe – *Uóh...* - Amiga – Como disse?

Discutindo o dote.

Mãe do noivo – Eles podem dar muito mais *maot*, sim! Ela é *hermosita*, mas *hamorah e fesheada*... - Pai – *Achlás*... (virando automaticamente a palma da mão direita para baixo). *De mazal*... (virando as palmas para cima). Eles fazem é muito *amaiot*... – Achas que perderam tudo? – Tudo, não acho, mas muito do que contam é *abu*... – Mas, estão prometendo dar uma bela festa, *caleque*! – *Estás vendo?* - Já me *alegri*!... (balançando a mão como leque, 1 vez)

Um mau casamento.

Ele – Tu não vais parar? Ainda *adreiando*? Ela – Mas tu vais fazer sim! Vais fazer... - Ai que *derrei*!... - Ai que *derrei*?... Mas vais fazer!...

- Mãe (que estava uns dias de visita)- Mas o que já é? - Esse *maroio*... Preciso de uma ajuda num aperto, está ele aí, refestelado. Não *foquea*. É *escusado*. E baixando a voz - Mas *machalea* e *darbeach* tudo, sabe. E mais baixinho - Até *sharbeado* já chegou. Me *casuiei pra isso*?... – *Achlás*!... (virando a palma da mão e os dedos para baixo). Tem um bom coração o *sahen*... – Já me *alegri*!(*balançando a mão como um leque 2 vezes*). *Asta que lhe saque o coração*!...

A turquinha

Mãe, tirando retrato com a filha mais velha aniversariante – Vem minha querida, mais pra junto de mim!

Tia – Mas que *hermosura está essa sahenita*!

E logo percebendo o olhar interrogativo, ansioso, da sobrinha menor – Tiras um retrato com ela também? – Vem cá, minha *turquinha*, no colo da mamãe, que não aguenta mais contigo, oito anos, vem minha rica!...

E a *turquinha*, toda *shalada*, se aboletando no colo já sem jeito da mãe abre um enorme sorriso nos olhos, que ficam maiores e mais lindos. E o dia azul fica mais bonito. E os corações das duas mulheres bondosas se aquecem ainda mais.

As vizinhas

(Belém, rua residencial, sossegada, dos anos 1940-50)

Cena 1.

Symi, abrindo as janelas pela manhã, vê caminhando na calçada sua vizinha Raquel, amigas desde crianças. Raquel para ligeiramente ao cumprimentar Symi, que lhe pergunta: O que houve, saindo a esta hora? - Vou ter que ir ao açougue. - Mas tua *empleada* não pode ir? -

Não, amanheceu com muito enjôo, e até quente, *mahaleou* demais o cosidão que fez para o jantar. Sobrou muito, mas *darbeou* tudo... , disse rindo. – São assim. Mas esta me pareceu *guena*. – É..., não está há muito tempo em casa, mas, não é *perezosa*, é ligeira, nada *hamorah*, já *hace* até *dafina*, e parece que nem *lhe gusta*, *a cae*. – É?... Espero que seja *guena* mesmo. Mas, cuidado com as perfeitas, podem ser *halamponas*.

Cena 2

À tarde, na porta da amiga.

- Que barulho é esse? – Da casa vizinha, uma senhora tão boa... Já se *casuiou*... O *maroio* é um *uerco*, diz ela que a fez largar o ensino do piano, mas pra mim ela dispensou as alunas por *verguença do sahen*. E a família dela, gente de bem, a *descansada* minha mãe conheceu, mas nem *feteneiam* o que ela passa. – É... Por isso dizem os *goim* que “casamento e mortalha no céu se talha”. – O pior é que o *malogrado* pouco tempo depois do casamento arrumou uma *niskarah*, chega tarde a casa de noite, às vezes *sharbeado*. Aí é que grita. Capaz até de *lhe dar treha*, *uô*... No dia seguinte ela vai pra Igreja. *Lamarga*... *Deus nos escape de mal*.

Cena 3

Passando pela manhã para comprar aviação de roupa.

– Mas então não queres entrar nem um pouquinho? - Tenho que costurar hoje. - O que mandaste fazer para o almoço? - Umas almôndegas. E já vou que não vai dar tempo. – Não podes esperar eu buscar um doce de cupuaçu? Está uma delícia. - Então traz. O *ferasmal* Muchito adora. – Como ele está? – Melhor, graças a Deus. – Mas não é a primeira vez que pega *impaludismo* no Mosqueiro, não? - Então... O pai e eu nunca tivemos. Não sei por onde ele anda por lá. Pegando também as caboclinhas imunizadas contra os carapanans. - *Achlás*... É o tempo dele... – É, mas outro dia vi uma *sahenita hiena*, *adreando* com ele. E o pai me diz pra não *shofear*!... – *Uóh por ela*... (A amiga *lhe olha* como quem diz, como “por ela”? E a outra corrige rápido) – Quero dizer, *por ele*, *ferasmal*. *São assim soltas*... *E os filhos, da praia*...

Rio de Janeiro, 2021.

Keyla Belizia (Sabat) Feldman Marzochi.